



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA  
RITA

## OUTRA AVENTURA de MIMI, NECAS e LÚLÚ

Por LEONOR DE CAMPOS

**M**INHA senhora — (veio dizer a Adélia, a criada delambida e importante que os meninos já conhecem) — está ali a mulher a dias que pede para falar á senhora.

«Dize-lhe que entre!»

A senhora Rita assomou, timidamente, á porta. E, depois dos cumprimentos, explicou ao que vinha:

«Pois então V. Ex.ª desculpará o meu atrevimento. Mas como as criadas cá da casa me disseram que V. Ex.ª tinha tenções de arranjar um rapaz para acompanhar e entreter os meninos...»

«Sim sim. Realmente ando a tratar disso...»

«... eu então a lembrei-me de vir oferecer a V. Ex.ª o meu Narciso...»

«Que idade tem ele?»

«Val em 9, minha senhora. E' bem mandado e tem um coração de ouro, não desfazendo. Por enquanto não sabe nada, mas se V. Ex.ª quiser fazer o favor de o mandar ensinar...»

E foi assim que o Narciso se instalou em casa dos pais de Mimi, Necas e Lúlú.

O dia da sua chegada ficou assinalado. Houve em casa um reboliço medonho. A petizada estava contentíssima. O Narciso não tinha mãos nem pés a medir:

«Narciso, pega lá».

«Narciso, dá cá».

«Narciso, val...»

«Narciso, vem...»

E o Narciso, pacientemente, atendia êste, servia aquê, sempre com bons modos e sem se queixar.

A mãe dos pequenos estava satisfeita com a sua aquisição. Há quatro dias, desde que o Narciso estava em serviço, os filhos pareciam outros. Lá se entretinham no quarto dos brinquedos, todo o dia, sem implicarem com as criadas nem desarrumarem a casa.

Por isso resolveu premiá-los. Era um sábado. A' hora de deitar, a mãe veio dizer-lhes:

«Meninos: amanhã o pai leva-os ao jardim Zoológico...»

Os três irmãos ficaram entusiasmados:

«Viva! Viva o jardim Zoológico!...»

«Viva o hipopótamo!...»

«Vivam os elefantes!...»

E, numa alegria doida, desataram aos saltos e cambalhotas.

A Adélia é que não estava contente com o barulho. E, apenas a mãe dos meninos voltou costas, com um sorriso de desdém, comentou:

«Quem devia estar no jardim eram os meninos. São tal qual uns macacos!...»

Os pequenos enfureceram-se:

«Sua grande malcriada!... Espera que a gente já te ensina!...» — berrou o Necas. E atirou-lhe um travesseiro.

Os irmãos preparavam-se já para lhe seguir o exemplo. Mas Adélia é que não esperou mais. Fugiu para a cozinha e, nessa noite, não voltou a aparecer.

«Escapou-se!...» — disse Mimi, desolada.

«Mas deixa que não perde pela demora!... — afirmou Lúlú. — Tenho cá uma idéa!... Amanhã vai pagar-mas todas juntas!...»

E os três puzeram-se a cochichar, rindo e esfregando as mãos.

Domingo de manhã, Lúlú chamou o Narciso e ordenou-

(Continua na pagina 8)



# UM MONSTRO de PREGUIÇA

Por LAURA CHAVES

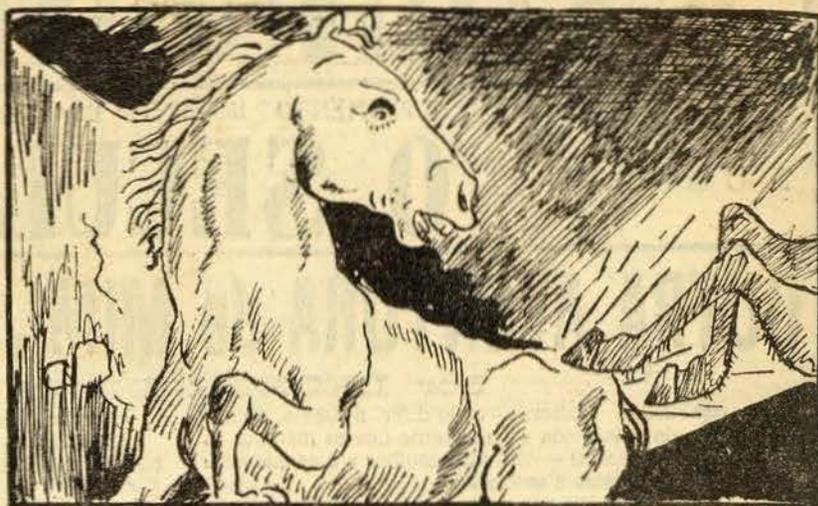
**N**A quinta do Zé Naboço, morava um burro, o Rabiço, que era vivo, espertalhão, mas um grande mandrião.

Um dia, pôs-se a pensar como havia de arranjar, o que havia de fazer, para comer e beber, ter petisqueiras em barda, sem usar a feia albarda nem silhas, nem cabeçadas, essas coisas desastradas que formam a indumentária de tôda a boa alimária.

Foi ter com Mestre Simão, um horrível macacão que lá na quinta vivia;

deu-lhe logo "senhoria" dizendo com deferência: — Mestre Simão, vosselência vai ensinar-me a maneira de eu, sem trabalho ou canseira, governar a minha vida. Não quero andar nesta lida, sempre numa dobadoura, carregando a tôda a hora no meu desgraçado lombo, levando mais do que um bombo, tudo para que o patrão coma carne e coma pão. —

O macaco era ilustrado, tinha fama de letrado. Diziam os animais que ele até lia os jornais! Por isso, o burro, o Rabiço, lhe falava assim submisso. Disse o macaco: — O' diabo! —

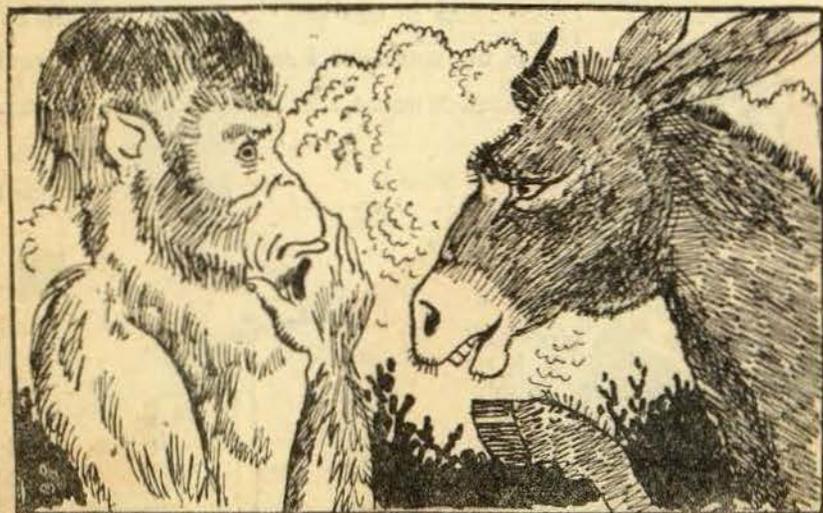


e pôs-se a abanar o rabo. — E' caso para pensar.... pois viver sem trabalhar é desejo inteligente! Você té parece gente! — Mas nisto teve uma ideia, destas mesmo de mão cheia, dizendo ao Rabiço então: — Vou resolver a questão: Eu não sei se o meu amigo ouviu falar num artigo que deu brado lá na imprensa, sôbre uma alimária imensa que surgiu, ao que parece, para as bandas de "Lochness" e trouxe o Mundo inteirinho assim, a modos, tontinho?! Pois vou, também, arranjar um monstro que há de espantar

a quinta do Zé Naboço. O monstro, é você, Rabiço! O burro mais o macaco, — o mandrião e o velhaco — fizeram tão bem a cama que logo correu a fama de que um monstro ali surgira como nunca outro se vira. Tinha o corpo pintalgado de azul, verde e encarnado. As orelhas bambas, laças, donde pendiam cabaças! Nem sei bem como contá-lo: trazia um rabo de galo — embora estranho pareça — mesmo ao meio da cabeça... Só de noite aparecia, evitava a luz do dia e levava pendurada na bocarra escancarada uma luzinha a luzir! — Era de tudo fugir!... Assim, o monstro, á vontade, lá comia a novidade sem que um animal ou gente sáisse a fazer-lhe frente. Fôra o macaco Simão que arranjava esse papão!

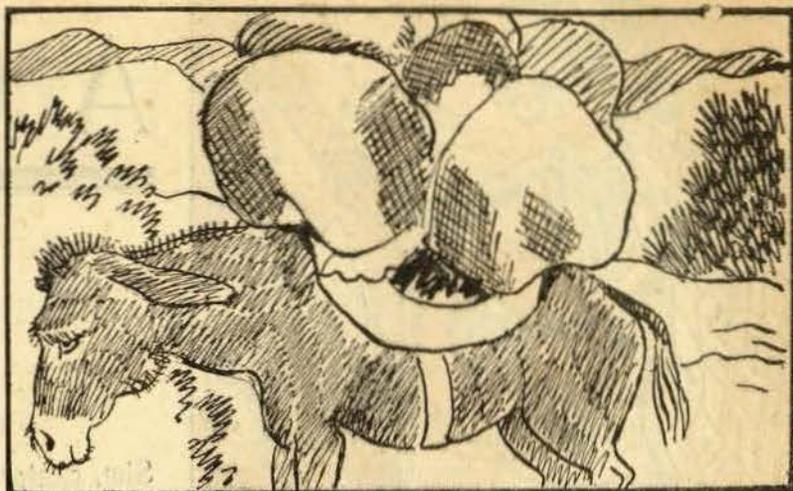
Havia obras na quinta, delas é que veio a tinta com que o burro foi pintado de azul, verde e encarnado; porque o macaco roubou tudo com que mascarou o nosso amigo Rabiço... e fez um lindo serviço!

Vivia a égua Parrana



com o burro na arribana, mas dava-lhe que pensar ver de noite no lugar onde o Rabiço dormia a cama sempre vazia! Depois, certa vez, o cão contou-lhe da aparição que trazia amedrontada tôda a gente, apavorada. — Não há ninguém que se afoite a andar, pelo campo, á noite! Até mesmo os próprios bichos meidos dentro dos nichos teem medo de sair! Nada, que quem vê luzir a candeia do mostrengo, sucede-lhe o que ao podêngo sucedeu inda outro dia: quis ganir, e ... não gania! Tamanho susto apanhou que o pobre não mais ladrou! — A égua pôs-se a pensar na história de arrepiar e, não sei porque razão, deu-lhe um baque o coração! Dizia: — Eu cá não vou nisso! ... Mas onde pára o Rabiço que anda assim tão tresnoitado, embora gordo e anafado que até parece um porquinho. A mim não me fazem ninho atrás da orelha, não! Agora vou eu, então, pôr-me, á noite, de atalaia. Espero que o monstro saia, meto-me á frente, e, depois, vamos a ver de nós dois quem é que leva a melhor, quem será o vencedor.

Uma noite, muito tarde, sem barulhos, sem alarde, a égua, a boa Parrana, saiu manso da arribana e escondeu-se atrás dum muro. Tudo estava muito escuro. A lua, que, ralaçona, por ser grande mandriona inda no céu se não via.



Silêncio. Nada bulia. Só o relógio da vila com a sua voz tranqüila, dizia as horas a medo, como a rezar, em segredo. A égua estava cansada de tanto esperar, coitada, quando sentiu um tropel, um ruído, um aranzel, e viu surgir de repente, mesmo ali na sua frente, o tal monstro tão falado, e vinha bem preparado! ... Com cabaças e luzinha, tão ridículo ele vinha que a égua sem se bulir desatou a rir, a rir!

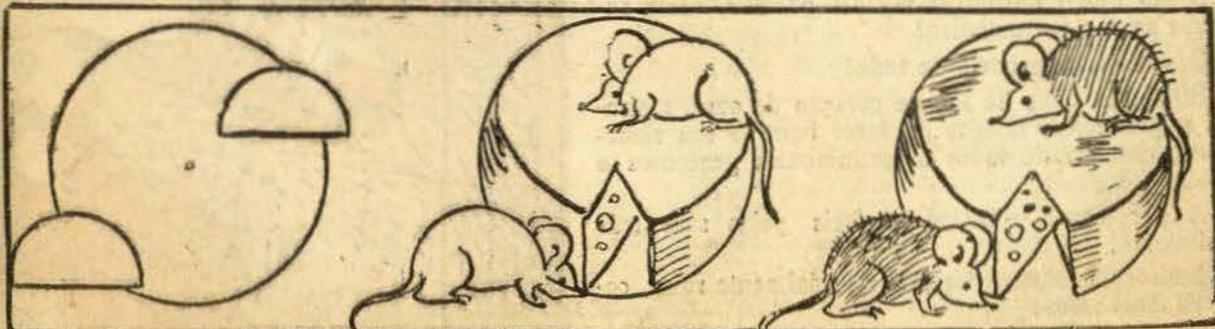
Mas o monstro arrenegado por se ver assim troçado avançou com tôda a gana sôbre a pobre da Parrana. Esta, sem se amedrontar, deixou-o aproximar e ferrrou-lhe uma dentada que, logo, duma assentada, lhe partiu uma cabaça. O bicho não achou graça, ficou danado, escamou-se ferrando na égua um couce. Esta quis-lhe responder

mas o mostrengo, a correr, não lhe deu tempo, fugiu, e num pronto, se sumiu.

Quando, depois, a Parrana, voltou, de novo, á arribana, coxeava levemente, que o couce fora valente! Tinha dorida uma perna e ao vê-la, á luz da lanterna, descobriu na matadura um sinal de ferradura. Foi então que o animal exclamou, soltando um urro: — Pela impressão digital já sei que o monstro é o burro!

.....  
Mas depois desse enxovalho ele voltou ao trabalho, cada vez mais carregado, mais sovado e maltratado, e, vivendo sempre assim, o burro um dia esticou, comendo até ao seu fim o pão que o demo amassou

E' já velho este rião, bem velho e bem português: "Quem nasceu para tostão nunca chega a cento e dez".



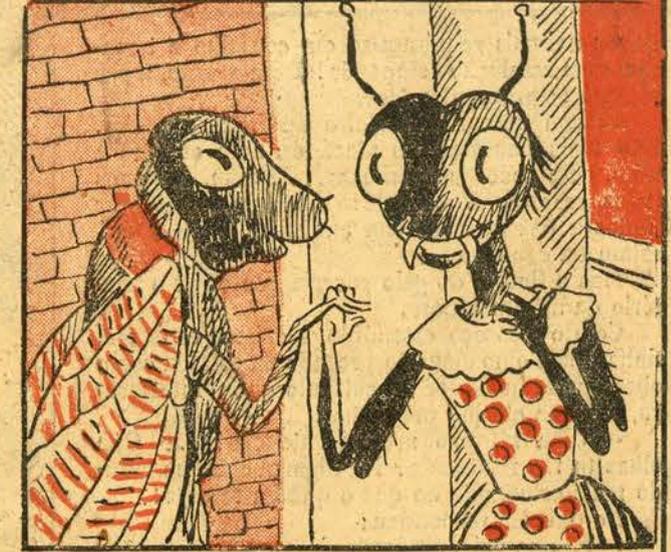
LIÇÃO DE DESENHO — Como se desenham um queijo e dois ratinhos.



# A Cigarra e a Formiga

NOVA FABULA POR

**AUGUSTO de SANTA-RITA**



**S**ENHORA dona Formiga  
levara todo o estio a trabalhar,  
numa constante fadiga,  
sem cessar,  
para poder comer, durante o Inverno,  
quando o mau tempo obriga  
cada qual a abrigar-se ao calor terno  
do seu lar.

Porém, Dona Cigarra, sem pensar  
em recolher, miga a miga,  
o pão cotidiano,  
levara todo o ano,  
numa constante cantiga.

Sim, cantara, cantara, alegremente,  
feliz, contente,  
de lhe haver dado o Céu o dom sublime  
da Harmonia, a Bondade,  
a Graça que redime  
os pecados do mundo: — a Fealdade!

Era uma artista a cantar,  
não sabia trabalhar  
doutro forma;  
sua norma  
era cantar, saudar a Natureza!  
Tanto o canto como a reza  
são necessários à Vida...  
Era esta a sua lida!  
Mas, ai dela, coitadinha,  
era uma incompreendida!

Chegara o tempo mau... De porta em porta,  
de casinha em casinha,  
cansada,  
semi-morta,  
a toda a formiguinha  
previdente,  
pedira, em vão,  
de pão  
uma migalha,  
a juro, emprestada;  
mas todas lhe volveram: — «Minha amiga,  
quem trabalha  
amealha  
e quem só canta, não!  
Cantaste?! Pois dansa, agora,  
continúa cantando, vai-te embora;  
— (e, com indignação:—  
Põe-te na rua... Fóra!...»

.....  
Uma surgiu, porém, inteligente,  
que, afavelmente,  
Simpática, gentil, acolhedora,  
diz à Dona Cigarra: — «Minha amiga,  
entra em meu lar, a minha casa é tua!...  
Não por esmola, por dever que obriga!  
Cantaste à luz do sol, à luz da lua,  
e ouvindo, quanta vez, tua cantiga,  
senti minha fadiga  
menos crua!  
Pago-te em pão do corpo o pão das almas  
e fico-me contente!»  
Nisto, as outras, que ouviam, dando palmas,  
saudaram a formiga inteligente.

**N**A floresta, este Anão, vosso Amigo, era tão popular entre a bicharia, como agora é popular na cidade, entre os meninos que têm o Pim-Pam-Pum.

Naquele reino dos animais, lidava com todos eles e, já se vê, que lhes conhecia os feitos e me divertia com as suas qualidades e defeitos, tal qual como agora me divirto com as qualidades e defeitos da gentinha que me rodeia.

Esta piada não mete carapuça nenhuma!

E' tão difícil encontrar alguém perfeito, como encontrar agulha em palheiro!

Ora na floresta havia de tudo!

Bichinhos bons de lei, de coração de ouro, ajuizados e prudentes, amigos de fazer bem ao seu semelhante, dotados de todos os sentimentos generosos e altruistas.

A par d'esses, quantos temíveis pelas suas más qualidades!

Ladrões, cobardes, traiçoeiros, finalmente ruins, como os mais ruins!

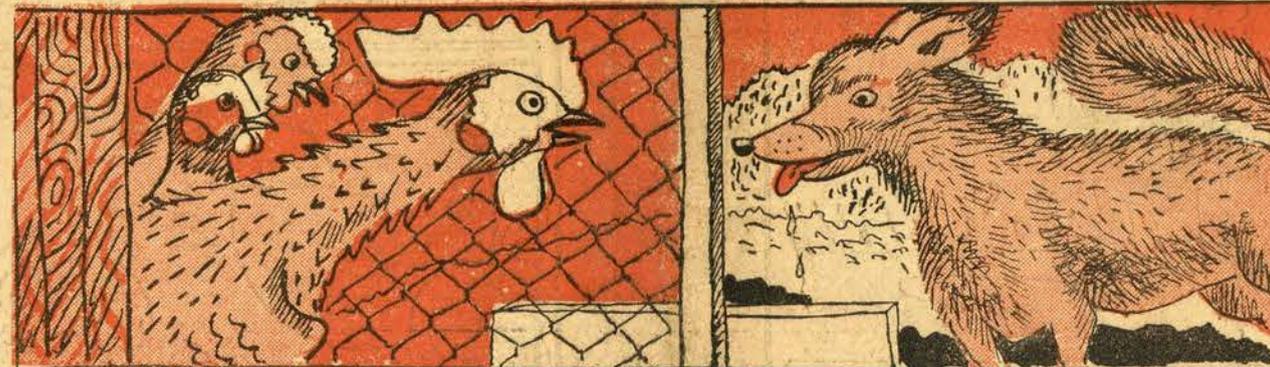
Nesse rol entrava, está bem de ver, a velhaqueta da

## UM CASO REINADIO

PELO ANÃO SABICHÃO

comadre raposa que levava a palma aos mais manhosos!  
Duma dessas farçantes vai o nosso Anão contar uma historieta que deve divertir os leitorzinhos do Pim-Pam-Pum.

Andava ela, — a tal raposinha, — sem saber que manhas havia de empregar para a criação lhe cair nas unhas.  
Mas tanto magicou no caso que, por fim pareceu-



—lhe que dera no vinte, quere dizer, julgou encontrada uma solução.

Certo dia, ao ver na capoeira duma herdade, um belo galo, rodeado de mui belas galinhas, para os atrair, botou-lhes esta fala:

— Amiguinhos, trago-lhes nova de estalo! Deixei de ser o papão de vocês todos...

— Pois sim! Pois sim! — redarguiu o galo, já na defensiva. — Desembucha lá isso, de longe! Se te aproximas, abro as gúelas e o meu có-có-ró-có, estridenteporá em sobressalto toda a herdade.

— Não te exaltes! O que te venho anunciar só te vai dar grande satisfação! — e a raposa deu um passo frente, muito à vontade.

Mas o galo ensaiou logo um canto de alarme.  
Vai ela, recuon e, na sua voz aflautada, volveu:

— Não queres acreditar na minha lialdade? Pois aí vai a nova estrondosa! Ela lhes trará o sossêgo para o resto da vossa vida, a ti e às tuas senhoras galinhas!...

— Se não te avias, este galo te cantará!!! Dize o que tens a dizer, mas já te preveni que não avances!

— Preparem-se, pois! A novidade vai-os deixar boquiabertos!

# CHARADAS COMBINADAS

POR HERMES

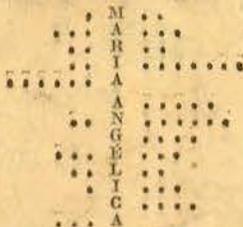
- + to - Grande
- + do - Na mão
- + to - Bichano
- + bre - Animal
- + lo - Aye
- Conceito: Terra portuguesa
- + to - Cidade
- + nha - Sarna
- + o - No braço
- Conceito: Terra portuguesa
- + ctor - Nome
- + nhor - Homem
- + nha - No dedo
- Conceito: Terra portuguesa

- + ctoria - Triunfo
- + ranja - Fruto
- + trato - Estampa
- + tura - Tamanho
- Conceito: terra portuguesa

## ADIVINHA

POR ARIEVILO

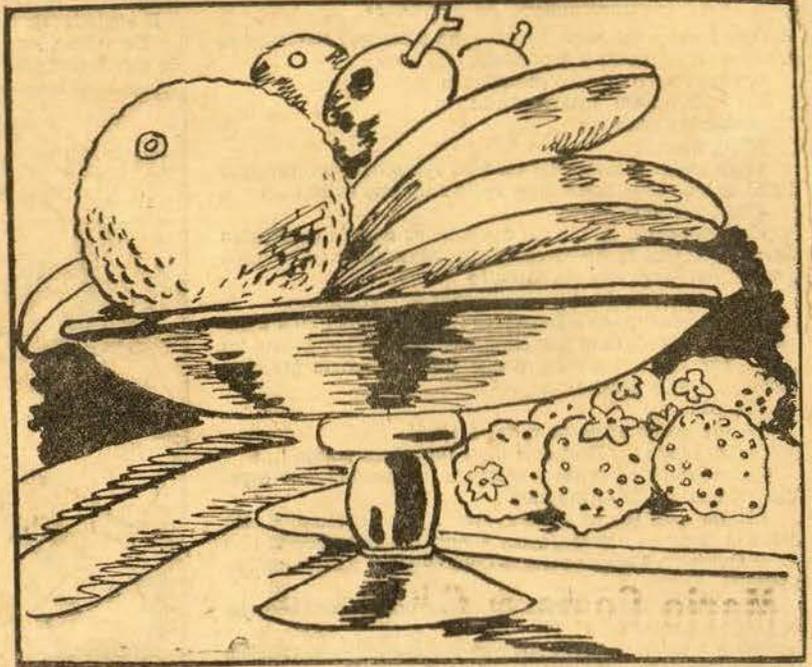
Substituir os pontos por letras, formando nomes de flores diferentes



Solução das charadas sincopadas:

- 1 - Aurora - Aura - 2 - Parrudo - Pardo
- 3 - Paralta - Pata - 4 - Resinga - Rega.
- Solução das charadas combinadas:
- 1 - Urano - 2 - Vênus - 3 - Júpiter - 4 - Marte - 5 - Saturno.

# PARA OS MENINOS COLORIREM



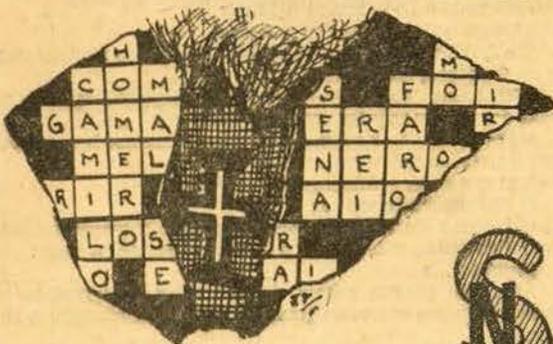
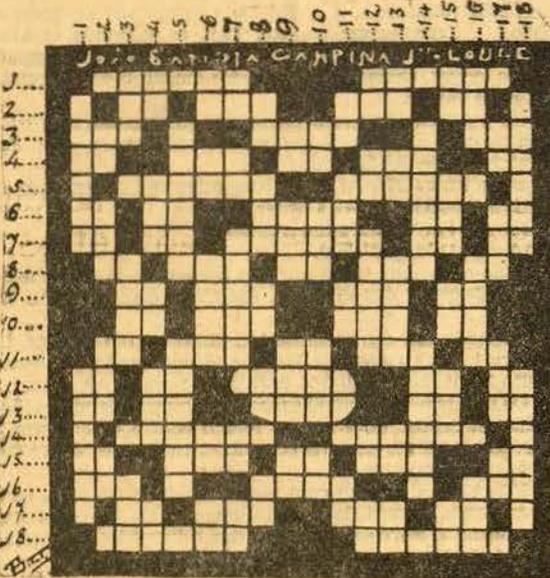
# PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS

- 1 - Vigarlo - pela patria.
- 2 - Cid - lavre - substancia pegajosa-andava.
- 3 - Adoro - boneco de trapos - maça.
- 4 - Nota - ralva - Despido - Santo - senhor.
- 5 - Vaca nova - gitana.
- 6 - pronome - Oferece | especie de madeira - nota - nota
- 7 - Santissimo - eter - baco - conjunção - carta.
- 8 - Artigo - passaro - contracção francesa - parte menos funda dum rio.
- 9 - estás - «letras de «ONDE» muro em francês - pedra.
- 10 - Aquil - metal - pronome mais alto.
- 11 - Ande-lavre - interjeção - letras de «OLVIDO» contracção francesa.
- 12 - apelido - prefixo - nome feminino - partir - consoantes.
- 13 - Artigo espanhol - macho - nome proprio - sem fato - interjeção.
- 14 - famoso - região privilegiada
- 15 - pronome - patrão - li-cidade port. na india hatraquilo.
- 16 - Letras de «CIMA» poeta - vinho francês.
- 17 - Troca - mulher - semana - pura.
- 18 - bills - terra americana.

VERTICAIS

- 1 - Vate - mulher deliciosa.
- 2 - Nota - costume - entre montes - mineral cardinal.
- 3 - parente - macada - rese.
- 4 - Troca - caminhada - limpa - criada - «em» em inglês.
- 5 - instrumento musical - cortejar.
- 6 - Aquil - criminosa - alar - anagrama de má-ano em francês.
- 7 - «sou» em francês - mais elevado - derrotam - pena - laço.
- 8 - preposição - la-magua - letras de ANJO - parta.
- 9 - «SE» em inglês - une - bol selvagem - óca.
- 10 - sem ornamentos - cruel trabalho - pronome inglês.
- 11 - rio europeu - tropeça - a mim - letras de AEREO preposição.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA ANTERIOR

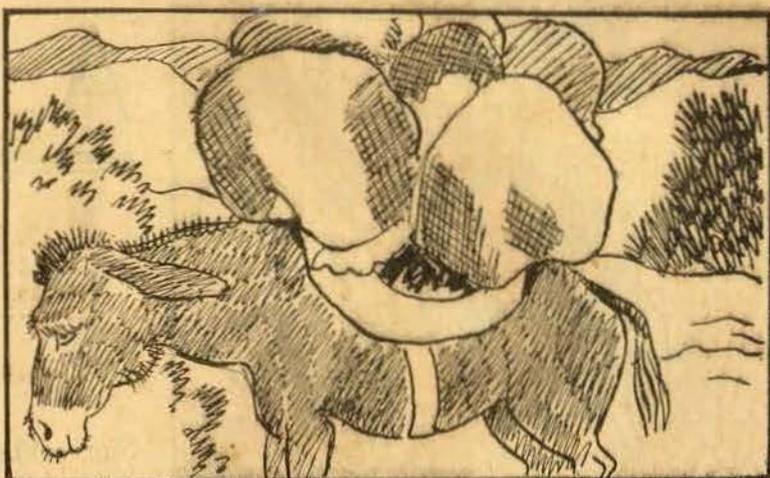
# ENIGMA PITORESCO



Revista do Livro - 1934

com o burro na arribana, mas dava-lhe que pensar ver de noite no lugar onde o Rabiço dormia a cama sempre vazia! Depois, certa vez, o cão contou-lhe da aparição que trazia amedrontada tôda a gente, apavorada. — Não há ninguém que se afoite a andar, pelo campo, á noite! Até mesmo os próprios bichos metidos dentro dos nichos teem medo de sair! Nada, que quem vê luzir a candeia do mostrengo, sucede-lhe o que ao podengo sucedeu inda outro dia: quis ganhar, e ... não ganhava! Tamanho susto apanhou que o pobre não mais ladrou! — A égua pôs-se a pensar na história de arrepiar e, não sei porque razão, deu-lhe um baque o coração! Dizia: — Eu cá não vou nisso! ... Mas onde pára o Rabiço que anda assim tão tresnoitado, embora gordo e anafado que até parece um porquinho. A mim não me fazem ninho atrás da orelha, não! Agora vou eu, então, pôr-me, á noite, de atalaia. Espero que o monstro saia, meto-me á frente, e, depois, vamos a ver de nós dois quem é que leva a melhor, quem será o vencedor.

Uma noite, muito tarde, sem barulhos, sem alarde, a égua, á boa Parrana, saiu manso da arribana e escondeu-se atrás dum muro. Tudo estava muito escuro. A lua, que, ralaçona, por ser grande mandriona inda no céu se não via.



Silêncio. Nada bulia. Só o relógio da vila com a sua voz tranqüila, dizia as horas a medo, como a rezar, em segredo. A égua estava cansada de tanto esperar, coitada, quando sentiu um tropel, um ruído, um aranzel, e viu surgir de repente, mesmo ali na sua frente, o tal monstro tão falado, e vinha bem preparado! ... Com cabaças e luzinha, tão ridículo êle vinha que a égua sem se bulir desatou a rir, a rir!

Mas o monstro arrenegado por se ver assim troçado avançou com tôda a gana sôbre a pobre da Parrana. Esta, sem se amedrontar, deixou-o aproximar e ferrou-lhe uma dentada que, logo, duma assentada, lhe partiu uma cabaça. O bicho não achou graça, ficou danado, escamou-se ferrando na égua um couce. Esta quis-lhe responder

mas o mostrengo, a correr, não lhe deu tempo, fugiu, e num pronto, se sumiu.

Quando, depois, a Parrana, voltou, de novo, á arribana, coxeava levemente, que o couce fôra valente! Tinha dorida uma perna e ao vê-la, á luz da lanterna, descobriu na matadura um sinal de ferradura. Foi então que o animal exclamou, soltando um urro: — Pela impressão digital já sei que o monstro é o burro!

Mas depois desse enxovalho êle voltou ao trabalho, cada vez mais carregado, mais sovado e maltratado, e, vivendo sempre assim, o burro um dia esticou, comendo até ao seu fim o pão que o demo amassou

E' já velho este rifão, bem velho e bem português: "Quem nasceu para tostão nunca chega a cento e dez".



LIÇÃO DE DESENHO — Como se desenham um queijo e dois ratinhos.

## OUTRA AVENTURA DE MIMI, NECAS E LULU

(Continuação da página 1)

lhe que fôsse á despensa buscar uma cêsta que continha as escôvas de engraxar e a pomada.

O rapaz fez o que lhe mandaram.

De volta o Lulú interrogou-o:

«Sabes engraxar?»

«Não, meninos.»

«Pois então vou ensinar-te. Mas toma bem sentido, que eu não gosto de ensinar duas vezes a mesma coisa!...»

«Sim, meninos.»

«Vai lá acima, ao quarto das criadas e traze os sapatos novos da Adélia. Estão na prateleira. Mas faz pouco barulho que eu não quero que ela saiba!»

E quando o Narciso trouxe os sapatos, continuou:

«Pegas nêsse pano e limpas os sapatos. Agora com o outro pano pões a graxa por cima, dos lados e por baixo. Vê bem: por baixo, na sola, é que precisam mais graxa... Assim... Deixa secar!...»

«Já está...»

«Então podes começar a dar lustro!»

Fôrça, rapaz!... Essa sola deve ficar bem polida!...»

Daí a pouco os sapatos estavam brilhando como espelhos. E então o Lulú mandou:

«Agora, vais pôr os sapatos onde os encontraste. E bico calado! Se dizes alguma coisa á Adélia, esborracho-te!...»

E apenas o Narciso saiu, o Lulú desatou a rir á gargalhada:

«Hein? Bela idéia! A Adélia vai dar um trambulhão que se há-de consolar!...»

Necas e Mimi, encantados com a «bela idéia», deram-lhe um valente apêrto de mão em sinal de regosijo.

Depois do almoço, vestidos e preparados para o passeio, os três irmãos dirigiram-se ao quarto dos pais.

Mas ao passarem na sala de jantar o Necas escorregou.

«Apre! — resmungou êle — A palerma da Adélia pôs tanta cêra no chão, que a gente tem de arranjar patins para andar em casa...»

«E' uma parva! — concordou Mimi.»

— Também eu já escorreguei!...»



«E eu!» — ajuntou Lulú.

Os pais já estavam prontos. E o Narciso, com a sua farda de botões reluzentes, esperava-os á porta, radiante por ir, também, ao jardim Zoológico.

Mas, á saída o Necas tornou a escorregar.

«Ora esta! Eu hoje pareço um bebê!»

Não me seguro nas pernas!...»

Entraram no automovel. E êste seguiu logo para o jardim Zoológico.

Á chegada ao jardim e enquanto os pais compravam os bilhetes, a Mimi, toda emproada com o seu lindo vestido vermelho, disse para os irmãos:

«Vamos andando, sim?»

Os rapazes, de fatos á maruja, calça comprida e boina condizente, concordaram.

E, seguidos de Narciso, adeantaram-se.

De subito...z...z...e...e... a Mimi escorrega. No receio de cair, agarra-se aos irmãos. Estes, pouco firmes nas per-



nas, não resistem... e... cai tudo estatelado no meio do chão!... Levantaram-se logo. Mas os fatinhos estavam quasi inutilizados. O da Mimi tinha um grande resgão e os dos outros, cheios de lama, todos amarrotados, pareciam farrapos velhos.

Os pais não quiseram prosseguir no passeio, com os filhos naquele arranjo. E resolveram voltar para casa. Pelo caminho, o Necas lamentava-se:

«Que azar! Não vi os bichos, estraguei o meu rico fatinho e tenho as costas a arder!...»

«E eu!» — choramingou a Mimi.

«E eu!» — soluçou Lulú.

Então o Narciso, triste por não ter visto o jardim e aflito com o desgosto dos meninos, exclamou com lágrimas nos olhos:

«Coitadinhos dos meninos!... Estavam tão bonitos, tão bonitos!... E eu que até lhes tinha engraxado os sapatos muito bem engraxadinhos para lhes fazer a surpresa!...»

Os três irmãos entreolharam-se, compreendendo então a causa da queda. Voltara-se o feitiço contra o feiticeiro. O Narciso, seguindo os seus conselhos, tinha-lhes engraxado as solas dos sapatos!

Mas nada disseram com receio dos pais. Só mais tarde já em casa, depois de se lavarem e mudarem de roupa, chamaram o Narciso ao quarto dos brinquêdos. Fechada a porta, o Lulú avançou para êle, de punhos cerrados:

«Patife...»

«Malvado!...» — gritou a Mimi.

«Assassino!...» — berrou o Necas.

E o Lulú, sem dar tempo a que o Narciso se recompuzesse da surpresa, continuou:

«Seu trangalhadaças! Quería matar-nos! Engraxou as solas dos nossos sapatos para nos fazer cair!...»

«Mas foram os meninos que me ensinaram!» — gaguejou, Narciso, o pobre rapaz!...»

«Isso era para a Adélia, seu palerma!...»

O Narciso indignou-se:

«Ah sim? Eu sou palerma e assassino e trangalhadaças? Pois então vou-me já embora para a minha casa!»

«Pronto!...»

Mas não chegou a sair. Os pequenos, arrependidos e cheios de pena, correram para êle. E o Lulú abraçou o rapaz:

«Não vás, Narciso. Desculpa, sim?»

«Eu sou mil vezes teu amigo!...»

«E eu, dez mil vezes!» — disse o Necas.

«E eu, um milhão!» — rematou a Mimi, a choramingar e a fazer beicinho.